

ANTÓNIO ARALA PINTO

DUAS DÍVIDAS

D. DENIS
E O NACIONALISMO DE
AFONSO LOPES VIEIRA



COMISSÃO MUNICIPAL DE TURISMO DE LEIRIA
ABRIL - MCMLII

DUAS DÍVIDAS

D. DENIS E O NACIONALISMO DE
AFONSO LOPES VIEIRA

*Conferência realizada na Casa do Distrito de Leiria,
em Lisboa, a 20 de Junho de 1951*

*Teima que vence, é um dos muitos ditados
populares cheios de concisão e de verdade.*

Minhas Senhoras
e meus Senhores:

Foi a 20 de Maio de 1942, há 8 anos, que, devido à interferência dos dois ilustres Leirienses, tão meus amigos, Almirante Joaquim de Almeida Henriques e Dr. Afonso Lopes Vieira, que tive a subida honra de estar nesta sala a dizer dos maravilhosos factos históricos que encontrei na:

«Catedral verde e sussurrante, aonde
À luz se ameiga e se esconde
E aonde, ecoando a cantar
Se alonga e se prolonga a longa voz do mar...»

Volto hoje a esta mesma sala por alvedrio da minha consciência e com assentimento do Ex.^{mo} Presidente desta Casa, para, como modestíssimo *sineiro*, repicar pela última vez o sino do Dever, lembrando a todos V. Ex.^{as} que, a dívida de gratidão a D. Denis e à Rainha Santa, ainda continua em aberto.

Sinto-me no limiar da vida, bem junto ao portal da entrada do Edifício incomensurável onde já entraram as almas de Leirienses tão ilustres que conheci, como tenham sido, por ordem de relações: o Arqueólogo e Etnógrafo Manuel Vieira Natividade que estudou 43 cavernas do homem primitivo, no concelho de Alcobaça; seu filho António Vieira Natividade, também como o pai, Arqueólogo, Etnógrafo e Artista; o Mestre Pintor Sousa Lopes; o Poeta Dr. Afonso Lopes Vieira; Almirante

Joaquim de Almeida Henriques; o Professor Artur Lobo de Campos; o Diplomata Dr. Alberto de Oliveira; que aplaudiram a erecção do monumento a D. Denis no chão do Pinhal de Leiria.

Dos obreiros sonhadores de então, restam o Pintor Alberto Nery Capucho, autor do desenho do referido monumento, o Escultor leiriense Luís Fernandes que fez a maquete (Fig. 1) que ofertou gostosamente à Casa de Leiria, e eu. Ainda incluo o nome ilustre do falecido Ministro das Obras Públicas, Duarte Pacheco, que desejava que a memória a erigir ao Rei Lavrador fosse qualquer coisa de monumental e para a construção da qual, não chegaria a importância que viríamos a obter.

A este propósito, escrevi no Pinhal do Rei, o seguinte: «O monumento seria construído em pedra lioz, vinda de Leiria, os seus alicerces perfurariam o areal como as raízes do arvoredo, teria como fundo velhos pinheiros e dos seus bancos avistar-se-ia o mar.

Os baixos relevos, dos painéis laterais, representariam os monarcas do século XIV, com as armas de Portugal e de Aragão na sua parte inferior. No retábulo central seria esculpida a terra agricultada, as dunas, o pinhal, o mar e as caravelas, conforme maquete que acabei de ofertar (Fig. 2).

Em 31 de Maio de 1939, noticiaram os jornais «a realização duma importante reunião de representantes dos organismos económicos nacionais, na sede da Comissão Executiva dos Centenários, a fim de trocarem impressões acerca da iniciativa da Universidade Técnica, no sentido de se prestar com a participação dos referidos organismos, justo preito à memória do Rei D. Denis, grande propulsor das actividades económicas portuguesas».

Creio que se pensou erigir o monumento na Tapada da Ajuda, naturalmente por lá existir o Instituto Superior de Agronomia; mas esse local, que eu saiba, não tem ligação histórica alguma com o Rei Lavrador.

Se **D. Denis** nasceu em Lisboa, a 9 de Outubro de 1261 e percorreu todo o Portugal ouvindo as queixas do povo, dando-lhe as terras de que a nobreza se apossara abusivamente, o que é certo também, é que viveu grande parte da sua vida com a

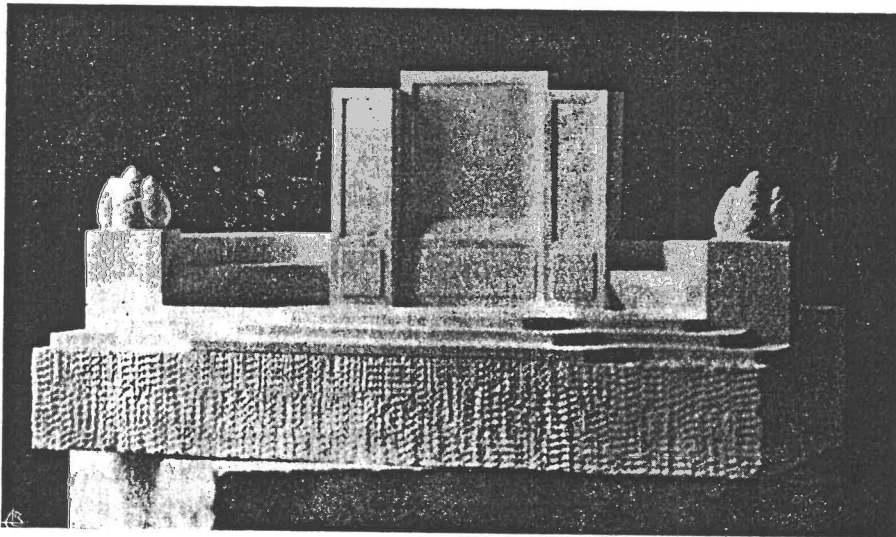


Fig. 1

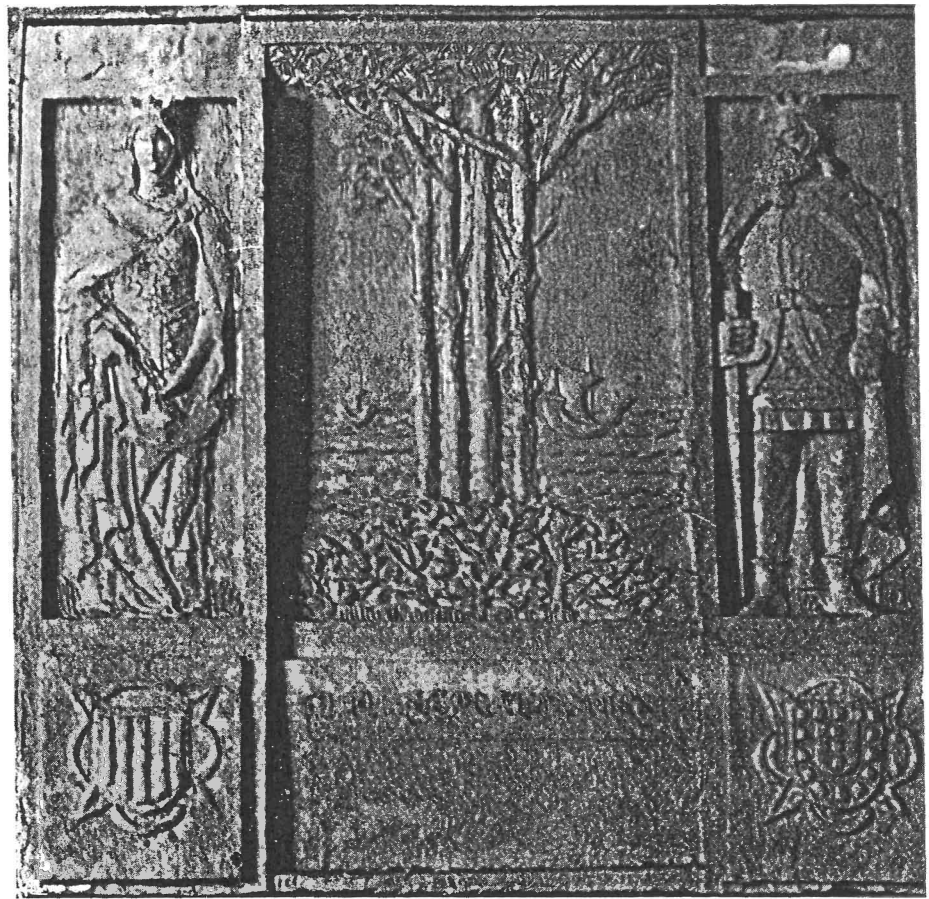


Fig. 2

Rainha Santa no Castelo de Leiria e em Monte Real, palmilhou o Pinhal de Leiria, examinou a foz do Lis, assistiu certamente aos trabalhos preliminares de enxugo dos férteis campos do Ulmar, viu lançar ao mar algumas caravelas próximo da foz do ribeiro de Moel e, no surgidouro das Paredes, associou-se a pescadores na construção das *almadravas* para a pesca dos atuns.

Com Micer Manuel Pessanha iniciou a construção de embarcações de maior calado, capazes de levarem à França, Inglaterra, Países Baixos, Germânia e Itália, os frutos da terra Portuguesa, e em 1294 assinou o tratado de comércio com a Inglaterra.

Bem dentro do arvoredor do Pinhal de Leiria deveria surgir o Monumento da Gratidão, que levaria no seu interior, encerrado em cofre vítreo, o auto em pergaminho, dizendo mais ou menos o seguinte: À memória de Denis e de D. Izabel de Aragão, sua mulher, iniciadores do movimento civilizador em Portugal, criadores da «segunda renascença» segundo Taine, este monumento levantado com vontade de uns poucos, que perpetuará para todo o sempre honra e glória aos Reis fomentadores da Nação e que testemunhará a gratidão do povo de Leiria...

Pinhal de Leiria... mês... do ano de...

Escolhei depois um dia do ano, habitantes de Leiria e, peregrinai até junto da obra argamassada com os vossos desejos. Sentai-vos na êxedra, absorvei o ar balsâmico da floresta, aspirai igualmente a brisa marítima, olhai bem o pinhal e o mar, concentrai-vos a seguir, cerrai os olhos e fitai a superfície branca do passado, distante 680 anos da vossa vida. Vereis perpassar a figura de um homem baixo, atarracado, forte, cabeleira e barba ruiva, abundante, ao lado de uma mulher alta, elegante, formosa e de expressão bondosa, apostados em fazer brotar da terra portuguesa o trabalho fecundo, a dar consciência, a civilizar por todas as formas o rectângulo da Península Ibérica, que tinha a mesma fé e a mesma língua, pedaço da terra que os seus maiores lhes tinham legado, que formava um todo uno e se chamava Portugal.

Na tela do passado observai ainda a barbaria glorificada na espada a atenuar-se, contrapondo-se-lhe o Trabalho a alcançar cor e glória, na enxada, no arado, na rede e no barco.

O monumento avultaria no Pinhal de Leiria, a sua mancha branca que o tempo havia de alourar, brilharia entre o *verde pino* como explende no alto de algumas serras a ermida edificada com fé; tornava-se belo, porque era do agrado do vosso espírito, porque em orquestração de ritmos cantantes, filhos do rumorejar do arvoredor, do murmúrio do mar e do vosso sentir, perpetuaria por todo o sempre, aos presentes e aos vindouros o testemunho da gratidão de todos os leirienses, desde o mais ilustre ao mais humilde. O distrito inteiro saldava a sua dívida.

O monumento seria *estandarte e provisão* de confortos morais para os momentos das nossas crises, era glorificação aos Reis precursores dos caminhos marítimos e dos espaços vitais, sagraria o trabalho da terra e do mar, únicas fontes do mundo criadoras da paz.

No distrito de Leiria ouviu-se pela primeira vez a voz do povo nas cortes convocadas por D. Afonso III; na cidade de Leiria surgiu a Imprensa, e no Pinhal de Leiria sem pedras veneradas, mas com pinheiros revividos, saídos da arregaçada de penísco da Rainha Santa e que revestem hoje uma área do distrito, que calculo em 50 %, dando o pão da lenda a milhares de portugueses se erguerá a voz confortante dos sete séculos distantes em que a felicidade e a riqueza de Portugal foram arrancadas da terra e do mar num trabalho bem-dito, e donde espero venha a surgir finalmente o preito de homenagem aos nossos Reis civilizadores, baseado apenas na justiça e na razão dos acontecimentos que a história regista

* * *

Se D. Denis desaparecido há 7 séculos de Portugal, entrou na mansão da história como rei fomentador, Afonso Lopes Vieira falecido a 25 de Janeiro de 1946, lá figura também como Mestre da língua portuguesa, verdadeiro filólogo no verso e na prosa, nacionalista perfeito, apóstolo da Verdade e, no mundo perturbado em que vivemos, o amigo certo, depositando uma confiança ilimitada em todo aquele que lhe conquistara a amizade.

Creio que a vida é constituída por um feixe de flores como aquelas que existem no Penedo da Saudade, do Pinhal de Leiria, denominadas «saudades», formando um ramalhete que vai engrossando à medida que os anos vão passando.

Essas flores são regadas com lágrimas como as que deitou a Duquesa de Caminha, quando junto do mesmo rochedo, carpia o desaparecimento de seu marido, degulado no Rossio de Lisboa, em 26 de Agosto de 1641, por ter sido julgado um dos conjurados que com o arcebispo de Braga premeditara o assassinato de D. João IV.

Mas as lágrimas brotam espontâneas dos olhos quando nos ausentamos da Pátria por alguns anos e a ela voltamos, e quando se perdem amigos com a têmpera de Afonso Lopes Vieira. De quem J. Vieira Natividade diz no primeiro período do seu livro «O Regionalismo» de Afonso Lopes Vieira: «Não sei de alguém que mais profundamente haja sentido, ou pelo menos, melhor compreendido e expressado a essência do espírito regionalista, e tanto engenho e tão nobre esforço despendesse para criar e alargar o amor pela Província e transformá-lo em escola de fé e de patriotismo onde a alma se tempera para se elevar à finalidade superior e mística do culto da Pátria, da dignificação do homem, da ressurreição dos portugueses.»

* * *

Ao vir pela segunda vez à Casa de Leiria, bem desejaria possuir os dotes oratórios de António Cândido e a dicção tão perfeita do grande amigo de Afonso Lopes Vieira, Professor Artur Lobo de Campos, para lhes poder falar neste serão familiar da Casa de Leiria sem me tornar importuno, do muito pouco que posso dizer do português de antanho que se chamou Afonso Lopes Vieira.

Nasci em Ovar, por lá passei os primeiros anos da minha vida, depois deambulei com meus pais por várias terras do país e foi afinal a Marinha Grande, que por mais tempo me reteve; foi o Pinhal de Leiria que me segurou, já vai para 30 anos,

e se pouco fiz, resta-me pelo menos, a glória de ter levado a palma a todos os meus antecessores quanto ao tempo de permanência na primeira Mata do País, tendo já cometido o atrevimento de me considerar como um filho adoptivo do distrito de Leiria, sentindo-me bem nesta Casa.

A primeira vez que aqui vim foi a 20 de Maio de 1942, conduzido pela mão amiga de Afonso Lopes Vieira, para me fazer dizer algumas coisas respeitantes ao Pinhal de Leiria.

Antes de prosseguir, peço mais uma vez, uns segundos de meditação para que todos possamos elevar o nosso pensamento até à morada etérea onde se deverá encontrar o espírito de Afonso Lopes Vieira.

Neste desmantelar do mundo a que vamos assistindo e em que quase todos os seus habitantes procuram apenas os bens materiais, é consolador evocar a memória de Alguém que amou a Natureza, vivendo quase que exclusivamente do Espírito e para o Espírito.

Um dos amigos de criança de Afonso Lopes Vieira, foi sem dúvida o Professor Artur Lobo de Campos que num dia de Setembro e sob as arcarias da Praça Rodrigues Lobo, de Leiria, me disse duas quadras que passarei a reproduzir e que traduzem o sentimento que domina todos aqueles, que, como eu, privaram um pouco com o grande Poeta, na sua casa de S. Pedro de Moel:

«Diante da linda casa
Que ali está resando ao mar
A saudade sempre em brasa
Pôs meus olhos a chorar.

Excelsas horas passei
Na florida alpendurada,
E olhando-a agora, reseí
Resei... chorei... e mais nada...

Ora foi precisamente na linda casa virada ao mar que eu tive os primeiros colóquios com o Mestre da língua portuguesa, que datam de 1921, quando fui colocado no Pinhal de Leiria.

Antes dessa data, só conhecia Lopes Vieira de nome e por ser o autor do «Auto da Sebenta» — uma composição burlesca em que escalpelizava as lições dadas em Coimbra aos estudantes da Universidade.

Nesse auto, entre outras coisas, dizia-se:

Ser urso é mais que ser gente
Ser urso é mais que ser homem
Ser urso é quase ser lente

Quero dizer, Lopes Vieira soube ser estudante e soube ser rapaz. Em 1921, fui colocado no Pinhal de Leiria e ao ver, a distância, o Poeta, na sua casa de S. Pedro, como se fora um verdadeiro ermitão, de monóculo e vestindo uma camisa idêntica às que usam os pescadores da praia da Nazaré, considerei-o para mim como sendo um pretencioso, filho de pais ricos, podendo ter os seus devaneios.

Mais tarde, decorridos meses, os pontos de vigia do Pinhal de Leiria davam o alarme de fogo na Mata e fui então encontrar Lopes Vieira no alto da Ponte Nova, com uma bengala na mão, a auxiliar a extinção do incêndio, procurando afastar com a mesma bengala, a manta morta que ali existia com certa abundância, e que deitaria por terra as colunas da «Catedral verde e sussurrante».

Depois o tempo foi correndo, mais contactos se vieram a estabelecer entre mim e o Poeta, e passei a receber cartas ou bilhetes postais encimados com os dizeres: «Meu prezado Amigo».

De longe em longe conversávamos na maravilhosa varanda envidraçada da sua casa de S. Pedro de Moel e comecei então a admirar o nacionalismo do Poeta.

Vi ali os livros dos nossos melhores escritores, as colchas de chita, as mantas de trapos atapetando a sala, a mobília de cerne dos pinheiros seculares do Pinhal de Leiria, simplesmente encerrada para não perderem a beleza as fibras da madeira, as plantas marítimas do litoral ornamentando as jarras, as conchas

univalves ressoando a lançarem o murmúrio das ondas, as bivalves ornamentando as paredes e mostrando as cores do arco-iris, o aquário marítimo, etc. (Fig. 3). Assisti até muitas vezes aos seus pequenos almoços, e verifiquei que as goluseimas de que se servia eram constituídas pelas geleias da camarinha, do medronho, ou ainda da amora da silva, que em certa abundância existia no Pinhal de Leiria.

Afinal, o homem que inicialmente considerei como uma espécie de «delitante» era realmente um amador das belas artes, mas artes exclusivamente portuguesas.

Com que carinho falava Lopes Vieira da arte do vidro, quanta amizade votava ao falecido lapidário Joaquim Carvalho, comandante dos Bombeiros Voluntários da Marinha Grande, com que prazer me mostrava o suporte de ferro, do seu aquário marítimo, dizendo-me que Mestre Lourenço de Almeida, o autor do lampadário existente na Batalha, trabalhava o ferro com a mesma arte com que o oleiro trabalhava o barro; com que prazer ele deu a mão, lançando-o na vida da celebridade, ao hoje escultor Joaquim Correia, com que lhaneza recebia os seus amigos, com que requintes os convidava!

A este propósito lembro-me de um dia me ter convidado a jantar na sua casa de S. Pedro de Moel, dizendo-me num bilhete: «venha até cá meu Amigo, prometo dar-lhe uma sopa de por de Sol e uma sobremesa de estrelas».

O Poeta iniciava o seu jantar ao por do Sol e quando terminava o repasto viam-se as estrelas a brilhar no firmamento.

Nunca discuti com Lopes Vieira assuntos religiosos ou políticos, mas verifiquei que tinha amigos em toda a parte, porque a Verdade com que as coisas eram tratadas, imperava sempre de modo que todos os seus amigos o respeitavam e se respeitavam mutuamente. As nossas conversações tinham quase sempre por lema o Pinhal de Leiria ou os trabalhadores da floresta.

Lopes Vieira creio ter dito algures que o distrito de Leiria era o coração de Portugal e eu, que tinha encontrado tantas maravilhas neste pedaço de chão português, a falar das épocas gloriosas do passado, como se fosse um livro aberto, sonhei fazer a história do Pinhal que estava sob a minha Direcção.

Antes de lançar mãos ao trabalho, ouvi o Mestre da língua

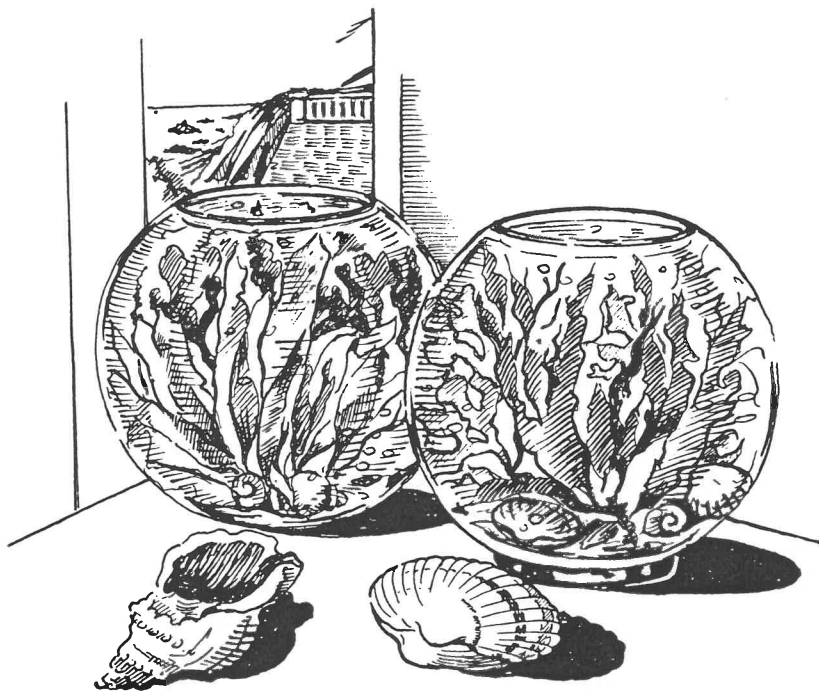


Fig. 3 — Desenho da autoria do pintor de vidro, Guilherme Correia.

portuguesa, revelei-lhe a minha ideia e disse-lhe da minha pobreza monetária e das minhas dificuldades de escritor para me abalancar a tal cometimento, tendo recebido logo as suas tão amigas e judiciosas indicações:

«A obra podia ser editada em fascículos e Ele ouviria ler a minha prosa».

Ouviu sempre a leitura das mil e tal páginas de que é composto o «Pinhal do Rei», sem mostrar o menor enfado e, com a atenção de amigo mandou-me reduzir certos períodos, corrigir aqui e além alguns galicismos, mandando-me modificar qualquer palavra que julgava menos apropriada ao assunto e até, no capítulo em que abordava o clima, lembrou a transcrição do Auto de Gil Vicente, o fundador do teatro português, intitulado «Romagem de Agravados» e em que Gil Vicente estabelece o diálogo entre o trabalhador rural e o frade, lamentando-se aquele, já no século dezasseis da nossa irregularidade climática, dizendo:

«Vilão—Que chove quando não quero
E faz um sol das estrelas
Quando chuva alguma espero.

Ora alaga o semeado
Ora seca quando hi há,
Ora venta sem recado

Ora neva e mata o gado
E elle tanto se lhe dá...»

E o grande nacionalista fez reviver poesias de Gil Vicente no Teatro Nacional, tais como o monólogo do «Vaqueiro», etc.

Mais tarde, pensei fazer reviver uma regalia que já existiu na floresta—o amparo a dar na invalidez e na velhice aos jornaleiros das matas—e dar a conhecer a toda a gente, que os florestais eram apenas os detentores provisórios duma riqueza que a todos pertencia e que as vinganças manifestadas no lançamento propositado de fogos no Pinhal de Leiria deveriam acabar.

Para que letrados e analfabetos pudessem atingir o fim em vista lembrei-me de fazer uma fantasia que intitulei: «O Pinhal

Real» e que foi levada à cena, durante 4 dias, num dos barracões existentes no Parque do Engenho.

Antes daquela data tinha-se dado um movimento insurreccional na Marinha Grande que ecoou por todo o país.

Um belo dia, na varanda da sua casa de S. Pedro de Moel em conversa amiga, dizia-me o Poeta: «O Arala Pinto deve ter tido no seu Parque do Engenho umas quatro mil pessoas e sei que não registou uma simples bebedeira ou pequena desordem».

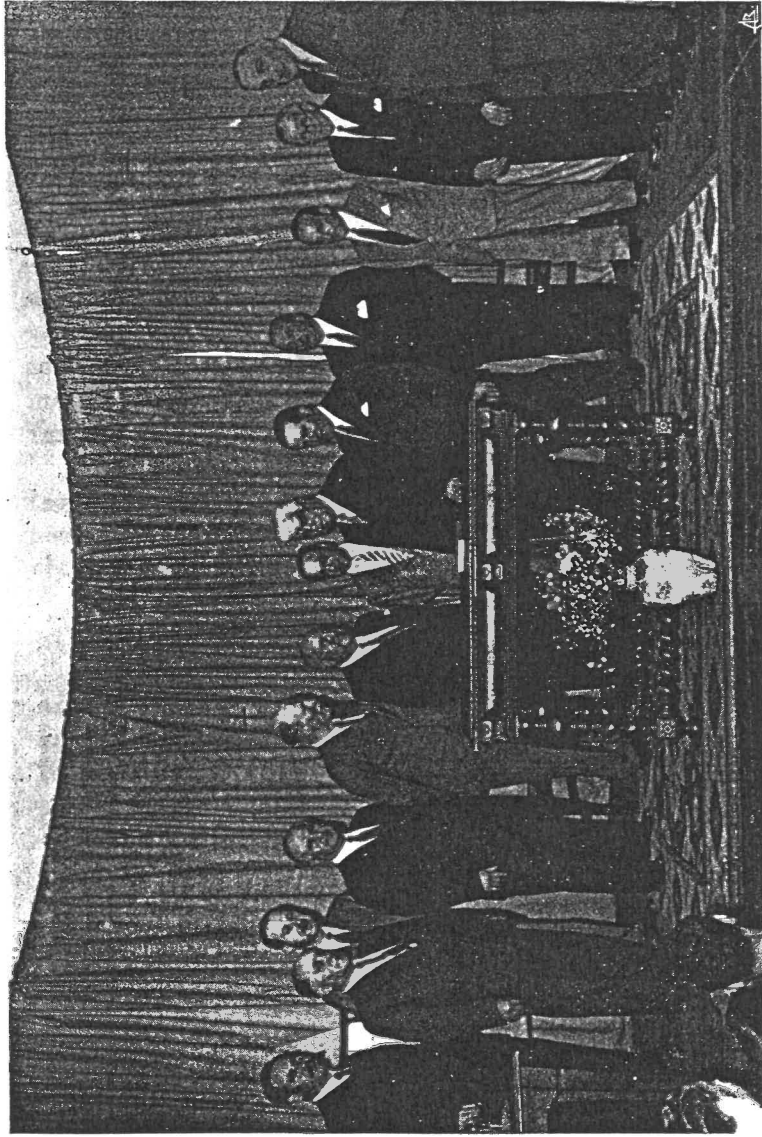
Quando Lopes Vieira legou a sua casa de S. Pedro de Moel para solário dos filhos dos vidreiros e dos filhos dos guardas florestais e o povo da Marinha Grande lhe foi levar os seus agradecimentos, dizia-me ainda na histórica varanda: «Veio aqui toda a gente que viu; a minha casa foi totalmente aberta, os visitantes chegaram a entrar no meu quarto e no de minha mulher e não se notou nem a falta de um alfinete! O povo da Marinha Grande é honrado e muito mal julgado».

O «In-Memoriam» de Afonso Lopes Vieira, faz o estudo da personalidade do Poeta debaixo do ponto de vista intelectual, artístico e social e eu, só posso dizer a V. Ex.^{as} que tanto eu como os vidreiros, como o povo da Marinha Grande, perdemos, com o desaparecimento de Afonso Lopes Vieira, um grande e insubstituível amigo, um dos mais belos gentis-homens que conheci em toda a minha vida.

Como perpetuar para todo o sempre o nacionalismo de Afonso Lopes Vieira, no Pinhal de Leiria que tanto amou, por ter dado as madeiras para as caravelas e naus com as quais devassamos o mundo? Feitos náuticos referidos por estrangeiros, tais como as pequenas notas que vou passar a ler, tiradas de «L'expansion des Portugais dans l'histoire de la civilisation»!

Eis essas notas:

«Elisés Reclus — Ao navegador português Magalhães, devemos a linha fundamental, o equador dos itinerários que em conjunto liga todos os traços geográficos. Graças a ele a Terra



Conferência na Casa do Distrito de Leiria, em Lisboa, em 20 de Junho de 1951, vendo-se entre algumas pessoas presentes à conferência o Professor da Universidade de Cambridge, Mr. Trend.

(Fig. 4)

constituíu-se cientificamente e a unidade realizou-se tanto na história dos homens como na estrutura geral das formas terrestres — Cunnigham — «Os povos da Europa Ocidental lograram assegurar o acesso directo ao Oriente, graças aos esforços persistentes dos portugueses, o que é, aliás, uma pequena parte do que lhes devemos. A sua indomável energia e heróicos sacrifícios venceram dificuldades extraordinárias e permitiram que os mercadores europeus se estabelecessem nas Índias e abrissem comunicações comerciais com regiões que até então lhes haviam sido inacessíveis...

É maravilhoso, que uma nação de três milhões e um exército de quarenta mil homens tenha podido obter uma supremacia sobre todo o oceano e estabelecer-se ainda na África e no Brazil...»

Thévenot — «Eles encontraram nos roteiros e cartas dos portugueses tudo o que perto de dois séculos de navegações e um grande número de naufrágios lhes ensinaram para encontrar sobre o mar os traços de tão longo caminho.»

— L. Gallois — «Conclui-se à evidência que foi em Portugal que pela primeira vez se praticaram no Ocidente os processos de direcção de navio, pela observação dos astros, sem os quais fora impossível emprender tão arriscadas expedições.»

A estes extractos teria de acrescentar um caso passado comigo no ano de 1947.

— Um belo dia, no florido mês de Maio, appareceu-me na Repartição da Marinha Grande, um inglês, professor da língua espanhola na Universidade de Cambridge, Mr. J. B. Friend, (Fig. 4) que tinha adquirido o meu livro «O Pinhal do Rei» em qualquer leilão de Londres e que pretendia escrever um tratado respeitante a navegações. A melhor forma de o escrever com verdade, dizia-me, consistiria na visita ao País dos mareantes. Na minha obra, dizia ter sido semeado o Pinhal de Leiria com uma arregaçada de penisco pela Rainha Santa, e ele, desejava conhecer o significado destas palavras, como também o que significavam os termos: *Arrife*, *Aceiro*, etc.

Escusado seria dizer a V. Ex.^{aa} que proporcionei um passeio ao referido inglês a todo o Pinhal de Leiria e aos locais históricos e que ainda não se encontram assinalados.

Se os extractos referidos acima são verdadeiros, o caso que

aponto também o é e provo-o, presenteando a Casa de Leiria com o livro que Mr. Friend me enviou de Inglaterra e que contém a dedicatória escrita pelo referido inglês e que resa assim:

«Ex.^{mo} Sr. Engenheiro Silvicultor A. Arala Pinto — Lembrança da arregaçada de penisco vinda de França. J. B. Friend.»

São estes conhecimentos e outros que levaram Afonso Lopes Vieira a considerar o Pinhal de Leiria, como «encantado jardim da minha infância.»

* * *

Vou ter a honra de apresentar a V. Ex.^{as} a sugestão do Ex.^{mo} Senhor Pereira de Matos, conforme artigo que encontrei no jornal «O Mensageiro» número 1473 de 9 de Fevereiro de 1946, que se publica em Leiria e que resa assim: «Uma das sugestões murchou no ar sazonal das câmaras melhoramentais. E a ideia do Poeta, diz assim: Lembrei-me uma vez que todas as terras portuguesas do Continente, que se acham citadas em «Os Lusíadas» erguessem padrões em que essas citações se inscrevessem como brazões de arte e de história».

E nesta sugestão encontro uma outra: «Que todas as terras do distrito de Leiria que se acham citadas nas obras de Afonso Lopes Vieira coloquem lápides singelas, nas suas praças ou jardins, tendo gravadas essas citações».

Por pensar de igual forma e por imaginar que o espírito do poeta não se comprazeria com a erecção do vulgar busto ou mesmo o da estátua levantada como homenagem a muitos dos nossos heróis e pensando no espírito requintado do Poeta, colocaria essas lápides evocativas dum passado histórico em determinados locais do Pinhal de Leiria, como sejam: a seis quilómetros ao Sul do Pinhal de Leiria, uma pedra contendo a inscrição com os dizeres obtidos no arquivo nacional da Torre do Tombo e que dizem: «A todolos quantos esta carta vyrem ffaço a ssaber que eu faço carta de foro aos meus pobradores assy aos presentes como aos que hão-de vir da minha pobra das

paredes que é em termho de Leyrea com seos termhos assy como parte pelo couto de Alcobaça, etc...»

Era M^a CCC^a XX^a. — «e possivelmente uma cópia na própria pedra da carta da Península Ibérica, de 1590, existente na Biblioteca da Universidade de Coimbra, que traz a indicação da povoação de Paredes.

A seguir, outro marco onde presumo que tenha sido o surgidouro de D. Denis, conforme o desenho da autoria do Professor Alberto Nery Capucho e que figura no meu livro, «O Pinhal do Rei».

Depois, outra legenda elucidativa onde se encontram os restos da Barragem que levaram D. Fernando a isentar do serviço braçal os pescadores da Pederneira «por corpos e aduas» porque «serviam em cada um dia nas nossas armadas e no nosso baleall datouguia. E outro sy em carretar as nossas madeiras que vem do nosso Pinhal de Leiria pollagua ao través».

Depois ainda outra lage no local onde existiu a capelinha de S. Pedro com cuidado de por a descoberto os seus alicerces e que ainda se poderão ver na gravura do meu livro citado e possivelmente com alguns dos dizeres que se encontram no jornal «O Século» n.º 8.167 de 25 de Setembro de 1904, respeitante a um círio que era constituído na Marinha Grande e que ia por caminho de areia até à praia, conforme afirma o poeta francês H. Faure, que em 1877 ainda escreveu:

«Come um ni d'alcyons caché dans une crique,
Au fond d'un repli sur de la côte ibérique,
Dans um vallon riant qu'arrose um filet d'eau,
Au pied d'um bois de pins, est bâti San Pedro.
Pour l'atteindre il n'est pas de route carrounable:
Il faut longtemps braver la chaleur et le sable,
Et n'était le secours d'ânes, petits mais forts.»

De entre vários locais a assinalar, não esquecer o penedo da Saudade onde a Duquesa de Caminha deve ter derramado muita lágrima e finalmente uma lápide onde viveu Afonso Lopes Vieira, com a sua dádiva à Câmara Municipal da Marinha Grande e com os dizeres gravados que dizem assim: «Lego à

Câmara Municipal da Marinha Grande a minha propriedade em S. Pedro de Moel, residência, capela e anexos, sob a condição essencial de na mesma propriedade ser instalada uma colónia balnear infantil, e de ser este o *único fim* a que a referida propriedade será destinada. As crianças dessa colónia serão filhas de operários da Marinha Grande, às quais este legado é consagrado especialmente; mas, seria desejável que este benefício chegasse em certos casos, a crianças filhas de guardas florestais e aquelas por quem a corporação local dos bombeiros se interesse, etc.... «Ao legar à Câmara Municipal da Marinha Grande, uma propriedade que me é tão querida, recordo que ela me foi ofertada por meu pai como presente de casamento e que é a ele que na realidade se deve este legado.

Marinha Grande, 24 de Outubro de 1938 (a) Afonso Lopes Vieira».

Assinalar nas paredes da casa doada, versos da autoria do poeta, tais como posso lembrar os seguintes:

«Há uma casa onde amei, sonhei, sofri...
e, debruçado sobre o mar, envelheci»

.....

«Pinhal do Rei, Real sobre o seu mar.
Pinhal de heróicas árvores tão belas,
Foi no teu corpo e na tua alma também,
que nasceram as nossas caravelas...»

.....

Como homenagem aos operários vidreiros, que o Poeta tanto estimou e como coroamento ao gosto aprimorado do poeta Afonso Lopes Vieira, um grande aquário contendo a flora marítima da Praia de S. Pedro de Moel (Fig. 3) ornamentado com bolas de vidro ocas e lapidadas, ou gravadas à roda pelos operários vidreiros e ornamentado ainda com conchas univalves e bivalves mandadas vir de todas as partes do mundo onde vogaram as caravelas dos descobrimentos.

Agradecendo penhorado a V. Ex.^{as} a atenção que se dignaram dispensar às minhas palavras, julga a minha consciência, ser esta a melhor forma de consagrar para todo o sempre a memória do português de antanho que o País perdeu.

Marinha Grande.

ANTÓNIO ARALA PINTO
Engenheiro Silvicultor

Acabou de se imprimir em 15
de Março de 1952 na Tipografia
e Encadernação Mendes Barata,
Rua do Comércio, 2 e 4 — Leiria

